

# ANTÓNIO LOBO Obra Completa Edição *ne varietur* \* ANTUNES

## EU HEI-DE AMAR UMA PEDRA

Romance  
4.ª edição

Estabelecimento do texto por Graça Abreu

\* Edição *ne varietur* de acordo com a vontade do autor

Coordenação de Maria Alzira Seixo



D. QUIXOTE

## PRIMEIRA FOTOGRAFIA

Tenho dois anos e estou ao colo da minha mãe: é um retrato de estúdio assinado Photo Royal Lda a letras em relevo, caprichadas, a cadeira onde nos sentaram servia para os clientes todos, majestosa, de veludilho gasto e cunha de cartão na perna direita, tão alta que os sapatos da minha mãe não alcançavam o soalho

(pés rígidos, quietos, de enforcado)

mudavam o telão do fundo

(uma cena de circo, uma praça de toiros, uma floresta com jibóias e zebras não mencionando as camisolas sem pessoa dos gorilas penduradas nos cabides das árvores por um único braço)

e a cadeira continuava, o telão que desta vez encostaram à parede atrás da gente

(por sinal ficou torto de maneira que metade a desfocar-se)

representava o castelo da Bela Adormecida no pico de um monte, janelas em ogiva, ameias, a Princesa de laçarote no cabelo remando num barquinho de pescar limos no Tejo, existia a marca de um polegar no meu ombro, o empregado

– Qual marca?

a aproximar o nariz, a mentir

– Não vejo marca nenhuma

a esfregar com um pano mentindo de novo

– Nem se nota

e a notar-se mais, pintaram de cor-de-rosa o laçarote e de azul os meus calções, um pingo azul no meu joelho, outro no barquinho que parecia nascer-me da orelha

(se a coçasse tirava-o)

cabos eléctricos no chão e a haste do reflector ao canto, imaginava-se alguém a fazer sinais ou a dizer não sei quê junto à câmara porque a boca da minha mãe

– Perdão?

a Photo Royal Lda do Beato e a sua montra de noivas alternando com bebés nus em almofadas, diante do mesmo castelo e do mesmo lago que nós mas num formato maior e sem polegar, com o tempo decifravam-se mal as nossas caras, a boca para os sinais já não

– Perdão?

não boca ainda que a Princesa continue a remar, o pingo no meu joelho dissolvendo-se

(dissolvi-me)

ficou parte da gola e o telão uma névoa, suponho que a Photo Royal Lda uma névoa também, uma névoa o empregado de mãos amarelas dos ácidos que nos arrumou na cadeira, uma névoa o espelho com uma escova e um pente de acertar carrapitos, melenas, o Beato mudado, prédios e prédios a esconderem o rio que o tempo dissolvia igualmente, eu a escorregar da minha mãe e o empregado ajustando lentes, invisível a seguir as caixas, arcos voltaicos, panos, a desordem de porão dos bastidores

– Aguenta-o madame

na parte do bairro em que morávamos hortazinhas, quintais, adivinhava-se a chuva pela exasperação das gaivotas, lamentos que procuravam navios e encontravam gasóleo, tinha a certeza que eram as noivas da montra a soluçarem nos pântanos de caniços ou empoleiradas nos

algerozes catando algas das asas, os bebés de nariz para cima e as noivas a enfiarem-lhes pedaços de peixe na goela, sacudidas, grasnando, iam e vinham à tarde sobre os telhados arrastando grinaldas, florinhas brancas, véus e a montra da Photo Royal Lda deserta, as molduras somente, o empregado roído pelos ácidos chamava-as em vão da soleira, os bebés arreganhavam-se de fome nas almofadas de cetim dos ninhos, lembro-me da tarde em que o hidroavião

(ou um albatroz?)

caiu, vinha a planar direito a Cabo Ruivo espreitando alforrecas e nisto a carlinga a arder, as noivas encolhidas de medo no petroleiro persa que se decompunha na margem, passeava-lhe no convés e um eco antigo no qual parentes muito idosos estremeciam

– Pimpolho

ou seja senhoras a erguerem-se bengala acima de camarotes na penumbra apontando chávenas de chá

– Tu és filho de quem?

perfumes estagnados, escalfetas, novenas, um cacho de bebés na chaminé reclamando os mexilhões da vazante, o empregado da Photo Royal Lda trotava no pontão, o albatroz inclinou-se a suspirar, perdeu um flutuador, uma hélice, topavam-se os passageiros nos vidros de goela aberta e nariz para cima se calhar a agitarem-se por comida também, um rastro de gasolina avançou no lodo incendiando os caniços, Cabo Ruivo um deserto de charcos em cujas ervas se escondiam patos bravos e andorinhas do mar, suspeitava que Alcochete para além do silêncio, uma noiva roçou-nos a janela e logo as parentes muito idosas que escutavam a missa pelo rádio nos camarotes do petroleiro persa

– O que é isto?

oliveiras de província que a cidade esquecerá, relógios de ponteiros ao longo do corpo desinteressados do tempo, o hidroavião reconheceu um caranguejo porque tombou de unhas de fora numa nódoa de rio despindo-se de sacos, malas, roupa que a enchente trazia e as noivas em torno da roupa provocando-se, discutindo, rasgando tecidos no meio de fragmentos de alumínio e madeira, preferia que tivéssemos

tirado o retrato num telão assim, quer dizer o petroleiro, as gaivotas e o jipe da Guarda a afugentar os pássaros, o empregado da Photo Royal Lda

– Aguenta o pimpolho madame que lhe escorrega do colo e de facto eu a descer para o tapete que os sapatos da minha mãe não alcançavam, toda a noite à cabeceira da cama, desabitados, ela cabelo e lençóis e eu percorrendo os lençóis

– Que será feito dos seus pés mãezinha?

ombros que protestavam ao mudar de lugar, talvez olhos debaixo das madeixas mas onde param os olhos, um deles veio a custo do traverseiro até mim desembrulhando-se de pestanas

– Não se pode dormir Jesus Cristo?

princiou a desfocar-se e dúzias de pálpebras, sobrepondo-se, levaram-no, os ombros não protestavam sequer, ancorados

– Tornou-se o petroleiro persa mãezinha?

(o motor dos pulmões a trabalhar em surdina)

qual motor, o petroleiro sem motor, uma camioneta estrangeira desmontou-o, meteu-o na arrecadação e portanto não o motor dos pulmões, cardumes que entravam nela e a deixavam, o empregado da Photo Royal Lda acabando de regular as lentes

– Sente-se bem madame?

o lago, o castelo, a Princesa a remar no barquinho, uma das noivas da montra desatou a sorrir, imensa, no caixilho, pedi-lhe

(eu uma fita de líquen)

– Não me coma

as que se mantinham no Tejo abandonaram o pontão e ocuparam a loja, o primo Casimiro pegava-me pela cintura, erguia-me no ar, fazia-me cócegas, zangava-se

(cuidava eu que zangado)

– Estás a rir-te de quê?

depois de o meu pai se ir embora a afastar-nos

– Trambolhos

estrangulava-me com o guardanapo, a voz proprietária, solene

– Não te sujes pimpolho  
 instalava-se no lugar do meu pai a explorar a terrina, a distribuir o  
 almoço, ralhava à minha mãe

– Vais ficar a pensar nele toda a vida pequena?  
 e ao

– Vais ficar a pensar nele toda a vida pequena?  
 o meu pai em casa de novo, à mesa connosco apesar de não ter co-  
 lher, não ter prato, no sítio onde a minha mãe o interrogava  
 (ela nesses momentos duas palmas nas bochechas, os olhos iguais  
 às lentes do fotógrafo)

– Porquê?  
 ao passo que o meu pai não ombros nem olhos, cotovelos que des-  
 denhavam

– Trambolhos  
 o que ficou dele foi o pincel da barba no lavatório com espuma se-  
 ca nos pêlos, cruzetas que a minha mãe remexia no armário a ques-  
 tioná-las

– Porquê?  
 as cruzetas baloiçavam no varão motivos que ninguém entendia,  
 fechávamos-lhes a porta e calavam-se, a minha mãe acabou por deitar  
 o pincel da barba no lixo, gastou eternidades a limpá-lo  
 (não precisava de ser limpo)

e a pedir-lhe desculpa, imaginava o meu pai a tossir nas tardes de  
 junho e afinal um cano, qualquer coisa na rua, o estalar da mobília, o  
 primo Casimiro devolvia a garrafa ao aparador, as palavras não ganha-  
 vam força na boca, pingavam, recolhia-as no lenço que depois de fa-  
 lhar a algibeira se preocupava no interior do casaco  
 (o lenço, visto que o primo Casimiro mudo)

– Vais ficar a pensar nele toda a vida pequena?  
 introduziu o cachaço no buraco do telão da Photo Royal Lda com  
 jibóias e zebras, surgiu no retrato a matar uma onça mas o capacete  
 colonial não coincidia com a cabeça, o corpo pintado agachava-se  
 num tronco, uma das pernas gorda e a outra magrinha, o primo Casi-  
 miro a comparar espessuras

– Magrinha uma gaita pimpolho

havia uma rasgadura num lombo de zebra e pela rasgadura os trapezistas do circo, no buraco do segundo caçador, desocupado, um indiano de turbante equilibrava espadas no queixo

(as noivas abandonaram à uma a varanda do engenheiro, num ruído de papel pardo quando um pacote silvou)

no que sobrava do buraco do primo Casimiro uma porção de circo igualmente ou seja uma nesga de foca a jogar com uma bola, qualquer coisa de coelho no focinho da onça, a delicadeza, os dentinhos, a garrafa ergueu-se do aparador indecisa mas com esperança

– Estou bem em África não estou?

nos dias sem clientes o empregado das mãos amarelas, ajudado por uma lata de tinta e uma brocha, dromedários, rinocerontes, carregadores com uniforme de ascensorista de hotel que transportavam baús, o empregado, didáctico

– É a selva madame

talvez o baú da nossa casa

(com quem dentro?)

que a madrinha da minha mãe ofereceu, visitávamo-la num segundo andar do Jardim Constantino longíssimo do Tejo, sem hidroaviões nem noivas, onde a madrinha da minha mãe, ou seja mantas e xailes, oculta numa poltrona entre sombras de plantas ou de cantoneiras dado que as cantoneiras se movem também, devagar, à tardinha, um brilho de faiança, sempre o mesmo

(uma terrina presumo eu)

a espreitar-nos ora aí ora acolá, agudo, furtivo

(afirmo que a terrina)

e a afastar-se de nós

(a terrina ou um gato?)

a madrinha da minha mãe uma sombra igual às outras, as mantas sombras, os xailes sombras, a voz sombras, uma sombra emergiu das sombras, tornou-se indicador ao encontrar-me, retraiu-se de imediato e de novo não mais que a poltrona, os xailes para a minha mãe a sacu-

direm uma lata de biscoitos, de sílabas confundidas nas migalhas, no açúcar

– O pimpolho cresceu tanto este ano

(quem morava no nosso baú acontecia achar-me, eu minúsculo no sofá

– Não)

na vizinhança da terrina um castiçal de piano oscilou um momento e adeus, a minha mãe abria o baú e toalhas, fechava-o e uma pessoa que não gostava de mim revolvendo-se na alfazema a desordenar os vincos, os biscoitos pegavam-se às gengivas impedindo-me de respirar, eu encostado de embaraço à minha mãe a pisar-me e a pisar-me

(– Não me agradeces pimpolho?)

para me sentir a mim próprio, certificar-me quem era, não uso as botas do meu pai, uso sandálias

(– Trago calções reparem)

de crescer tanto este ano tornei-me adulto e não me apetece ser adulto, não me conhecerem no Beato

– Não pertences ao bairro

o do baú não sufocado por biscoitos que eu bem o entendia através da alfazema

– Ajuda-me

e se não pertenço aqui a solução é dormir com as noivas na Photo Royal Lda ou nos armazéns do rio, perseguir numa fúria a espuma das traineiras, alimentar os bebés nus, de garganta para cima, que nascem de ovos de tule, a criada do engenheiro a expulsar-me da varanda

– Estragam-me tudo rua

e o castiçal do piano com as falhas de metal a crescerem, discos de ópera em que o tenor e o soprano, amparados a violoncelos, se ameaçavam aos berros lançando um ao outro clarinetes e tubas, as sombras interromperam-se um instante quando o vento bisbilhotou nas cortinas e dei com os arbustos do Jardim Constantino lá fora, o talho carneiros tão despídos nos ganchos, os parentes da camilha em cercaduras ovais com

Sempre Querido

por baixo a decidirem de mim

– O que lhe fazemos cunhado?

– Metemo-lo no baú?

– Roubamo-lo?

acendia-se o candeeiro e eles mascarados de pessoas de dantes, inofensivos, aprisionados no vidro, apagava-se o candeeiro e um frenesim de gabardinas

– Roubamo-lo?

o papel de parede a descolar-se e sob o papel de parede um segundo papel mais escuro, mais na trama, a descolar-se também, retirando-o Lisboa isto é uma senhora a massajar o tornozelo num banco entre árvores, pombos, quer dizer noivos para cá e para lá de mãos atrás das costas, à espera enquanto as gaiotas coscuvilhavam cheiros de vazante no Beato, o lábio da água franzido ao retirar-se e uma franja de detritos penso que muito usada dado que enfeites de caravela, mastros, barricas, as fortunas da Índia que não valiam um chavo, no telão que eu mais gostava punha-se o queixo no rebordo de maneira a acertar com um pulôver de ciclista

(o empregado a orientar-nos

– Um palmo para a esquerda cuidado com os pregos)

e pedalava-se uma bicicleta vermelha a caminho da meta com um dos pneus oval à medida que a assistência sem membros nem feições, desenhada a trouxe-mouxe

(uns riscos e pronto)

aplaudia, pedalar para longe na noite em que o primo Casimiro e a minha mãe não existiam, existia o seu joelho, um pé descalço de frente e o primo Casimiro a respirar de costas

(ou o Beato inteiro que fungava por ele, um galho de laranjeira inchando e desinchando, os tropeços do Tejo)

com a gravata aos quadrinhos pendurada da nuca, os objectos estranhos, da mesma cor, do mesmo feitio e estranhos como se não estivessem habituados a nós, os houvessem colocado de propósito na

sala para me magoarem, me fazerem mal, a miniatura da Estátua da Liberdade, a jarra, o Santo Expedito que prevenia

– Não olhes

e não olhes porquê, aconselhava

– Não compreendas

(pedalar muito depressa na bicicleta vermelha)

e não compreendas porquê, se lhe perguntasse

– Não compreendas porquê?

ele a teimar

– Não compreendas ponto final não posso dizer-te

eu de nariz no guiador, a assistência desenhada a trouxe-mouxe a aplaudir, o empregado da Photo Royal Lda

– Ninguém te apanha pimplho

o sofá fora do lugar, o tapete enrugado e o sofá e o tapete

– Não compreendas

que mania, eu a aceitar

– Acabou-se a conversa não compreendo deslarguem-me

ou

– Acabou-se a conversa para que me deslarguem dado que tudo gritava apesar do silêncio e mistérios, segredinhos, cochichos

– A tua mãe

– O vosso primo

eu

– A minha mãe e o nosso primo o quê?

em lugar de me responderem, conversarem comigo, soslaio de condescendência, de pena, isto não unicamente a Estátua da Liberdade e o Santo Expedito, umas notas que a jarra prendia e as notas

– A tua mãe rica já viste?

a casa inteira cheia de movimentos, gestos

(ela sempre tão quieta, alheada das marés)

a tentar explicar-me alínea por alínea o que eu recusava saber, apetecia-me a bicicleta do telão, a minha cabeça a acertar com o pulôver e nisto o joelho da minha mãe imóvel, mais agudo e branco do que se

eu lhe tocava, o pé imóvel, não semelhante ao dela e no entanto seu, o galho de laranjeira de que comecei a contar as laranjas na mira que a árvore sem inchar e desinchar, tudo regressado à normalidade de dantes

– Não preciso da bicicleta obrigado

ao passar de seis para sete laranjas o primo Casimiro imóvel por seu turno, uma pupilazinha a dar por mim, espantada primeiro e alerta depois

(continuar com as laranjas, nove, dez, onze)

focando-me do vértice da gravata, eu empanado no doze

– Após o doze?

e vazio, atirem-me o número após o doze que coisa, não dezasseis, não dezanove, a laranjeira a auxiliar-me

– Treze

e embora ouvisse

– Treze

quase a alcançar o

– Treze

e a safar-me, eu

– Não consigo

voltar à Photo Royal Lda, declarar ao balcão

– Reflectindo melhor preciso da bicicleta senhor Querubim desculpe

no momento em que o cérebro se me desimpedia e

– Treze

os meus lábios radiantes

– Treze

o pé da minha mãe a alargar-se no tapete, felizmente o pé dela (nessa época conhecia-lhe melhor os pés do que a cara)

e com o pé o joelho, o resto do corpo a ganhar espessura a partir do joelho, a pupila que faltava ao primo Casimiro a juntar-se à primeira e a trazer os pormenores do rosto assim de perto tão esquisitos

(orelhas, testa, bochechas, coisas sem relação entre elas)

a gravata não na nuca, direita  
 (a mãozinha a assegurar-se que a gravata direita)  
 os objectos não estranhos, nossos  
 (olá mesa, olá jarra)

um bater de solas aproximando-se rápidas e por azar eram as bielas  
 de uma corveta na margem, não o meu pai que voltava, não me recor-  
 do só de

– Trambolhos

recordo-me de canas de pesca na marquise, de tempos a tempos  
 ele para a minha mãe

– Anda cá

e o joelho, e o pé, o meu pai a respirar de costas para mim  
 (ou o Beato inteiro que fungava por ele)

os objectos diferentes mas menos diferentes que com o primo Ca-  
 simiro, uma parte nossa e uma parte não, o empregado sugerindo-me  
 a bicicleta e eu a hesitar

– Vamos esperar um minuto

o meu pai afastava-se conforme na capoeira da minha avó em  
 Condeixa os galos se afastavam das galinhas sacudindo a papada, nem  
 a miniatura da Estátua da Liberdade nem a jarra

– Não olhes

ocupadas consigo mesmas, naturais, distraídas, o meu pai solitário  
 no pontão com as canas de pesca

(o fumo do cigarro maiorzíssimo que ele)

e a minha mãe a livrar-se da caliça e da terra copiando as frangas  
 mal os galos chauzinho, examinava-lhe a saia e nem caliça nem terra e  
 sem caliça nem terra a livrar-se de quê, eu para a franga que se limpava  
 ainda

– Está a livrar-se de quê?

o primo Casimiro um par de pupilas e a gravata direita, um galo  
 de Condeixa sacudindo a papada, eu

– Após o doze?

vendo bem tão fácil, treze, qualquer pessoa